

# BULLYING NA ESCOLA: CARTOGRANDO RAZÕES INTRA E INTERPESSOAIS<sup>1</sup>

Maria Teresa Ceron Trevisol\*

Luana Uberti\*\*

## Resumo

O objetivo neste estudo foi analisar a compreensão de alunos adolescentes, na faixa de idade entre 12 e 16 anos, que frequentam a 8ª série/9º ano do ensino fundamental, quanto às razões promotoras de manifestações de *bullying* em suas escolas, como se posicionam diante dessas manifestações e como avaliam os encaminhamentos tomados pela escola e por seus profissionais visando solucionar as situações envolvendo conflitos *entre* e *dos* alunos. A base empírica foi uma pesquisa de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa. Os alunos investigados reconhecem que o *bullying* é um fenômeno que ocorre entre pares, mas que suas razões e a natureza destas são, quase sempre, de caráter pessoal. Quanto a medidas para encaminhar as situações de *bullying*, os adolescentes enfatizaram ações que envolvam o autor, o alvo e a testemunha, intervenções que propiciem aos alunos expor seus sentimentos, anseios, concepções, a fim de que reconheçam uns aos outros e suas diferenças, suas qualidades e limitações como oportunas e necessárias no contexto da escola.

Palavras-chave: *Bullying* na escola. Alunos adolescentes. Ensino fundamental.

## 1 INTRODUÇÃO

O *bullying*, termo inglês popularizado no Brasil, possui amplo significado e aplica-se a todo tipo de tortura física e psicológica repetitiva de que são vítimas as crianças e adolescentes, sendo os algozes seus próprios colegas. Entre esses comportamentos podem-se destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.

Segundo Eynng (2011, p. 103), “[...] a existência de violência nas escolas é inegável [...]” Outros estudiosos do tema, como Fante (2005), Lopes Neto (2011), Silva (2010a), Teixeira (2011), Maldonado (2011), Bandeira e Hutz (2010), Francisco e Libório (2009), Tognetta et al. (2013), Tognetta e Vinha (2011), Zluhan & Raitz (2014), entre outros, enfatizam que a violência nas escolas está se apresentando como um problema social grave e complexo. O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, pode resultar da inte-

---

\* Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade do Estado de São Paulo; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professora da Graduação e do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Oeste de Santa Catarina; mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

\*\* Pós-graduanda em Psicodrama pela Lócus Partner Escola de Psicodrama de Florianópolis; Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Psicóloga no Núcleo de Apoio à Saúde da Família na saúde pública municipal de Concórdia; luana.uberti@gmail.com

ração entre o processo de desenvolvimento individual e os contextos sociais, como família, escola e comunidade. Infelizmente, o modelo no mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros e se transformem em espaços em que também há violência, sofrimento e medo.

Considerando-se que os problemas relacionados aos conflitos interpessoais na escola, como desavenças, indisciplina, *bullying*, violência, entre outros, demandam especial atenção do contexto escolar e dos profissionais que atuam nele, faz-se necessário conhecer a rede de elementos, tanto intrapessoal quanto interpessoal, que constitui esses problemas, visando planejar, de maneira adequada, possíveis intervenções a fim de se obter uma mudança do cenário problemático.

Nesse sentido, neste trabalho analisou-se a compreensão de alunos pré-adolescentes e adolescentes, na faixa de idade entre 12 e 16 anos, que frequentam a 8ª série/9º ano do ensino fundamental, quanto às razões promotoras de manifestações de *bullying* em sua escola, como se posicionam diante dessas manifestações e como avaliam os encaminhamentos tomados pela escola e por seus profissionais visando solucionar as situações envolvendo conflitos *entre* e *dos* alunos.

A base empírica deste estudo foi uma investigação de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa. A amostra foi constituída por 171 adolescentes, estudantes da 8ª série/9º ano. Os alunos estavam matriculados em duas escolas centrais de um município da região Oeste de Santa Catarina, uma pública e outra particular. Da escola particular foram coletados 64 questionários (duas turmas) e da pública, 107 questionários (cinco turmas). Esses alunos são procedentes de diferentes bairros do município, considerando que as escolas se situam em região central, o que permite a abordagem também dos diversos contextos sociais, demográficos, econômicos, familiares, entre outros aspectos dos quais esses sujeitos são representantes. Não constituiu objetivo do estudo realizado efetuar comparações entre as diferentes amostras de alunos, mas foram considerados enquanto amostra representativa da população adolescente que frequentava esse ano letivo.

Como procedimento de coleta de dados, foi utilizado um questionário<sup>2</sup> composto por 24 questões, 23 questões fechadas e uma questão aberta que permitia aos participantes a sua manifestação, tendo como foco: situações do cotidiano escolar em que é evidenciado o *bullying*, como os alunos avaliam essas situações, o que fariam se estivessem envolvidos, como se sente quem pratica o *bullying* e quem sofre a ação, as razões que podem levar um aluno a praticar o *bullying* e como a escola e seus profissionais encaminham essas situações. A quantidade de sujeitos que fizeram parte da amostra dependeu do aceite da escola e da participação dos sujeitos na investigação. Todos os pesquisados foram consultados e receberam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido detalhando os objetivos da pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta dos dados e solicitando a autorização dos pais e/ou responsáveis pelos alunos. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

As respostas dos questionários foram tabuladas com a utilização de uma ferramenta *on-line* (Google Docs). Para tanto, as questões que compuseram o questionário, pro-

cedimento de coleta de dados, foram agrupadas visando responder a cada um dos objetivos da pesquisa. Além da tabulação quantitativa dos dados, os comentários inseridos pelos alunos no decorrer dos questionários foram analisados cuidadosamente e inseridos na análise dos dados, dada a sua pertinência ao estudo. A seguir apresenta-se a análise alguns dos dados coletados por meio da pesquisa.

## 2 BULLYING NA ESCOLA: DE QUE E DE QUEM ESTAMOS FALANDO?

Entre as temáticas relativas à instituição escolar, a existência de *bullying* nesse ambiente tem sido tema reiteradamente investigado tanto no Brasil quanto em outros países. O termo *bullying* vem da palavra inglesa *bully*, que significa *valentão*, e é utilizada para dar nome “[...] ao desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão.” (FANTE; PEDRA 2008). Definido, também por Nogueira (2007, p. 205) como “[...] todo comportamento cruel e intrínseco nas relações sociais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão, prazer, por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e de intimidar de forma repetitiva.” Vários sinônimos têm sido utilizados em português para fazer referência ao tema, entre eles: “[...] maus tratos, vitimização, intimidação, agressividade e violência entre pares.” (ALMEIDA; LISBOA; CAURCEL, 2007; LOPES NETO, 2005; PEREIRA, 2002). O *bullying* [...] acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

As vítimas desse fenômeno podem sofrer danos psíquicos difíceis de reparar e, eventualmente, desenvolvem quadros depressivos, apresentam dificuldades em relacionar-se com outras pessoas, passam a ter dificuldades no aprendizado, podendo inclusive assumir a posição de agressores em novas situações de *bullying* (LOPES NETO, 2005). Alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais em curto e longo prazos (SILVA; ROSA, 2013).

Atrelando-se a esse contexto, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (2008) afirma que o *bullying* pode ser caracterizado como um problema mundial, e embora possa ser encontrado em qualquer instituição escolar, algumas escolas ainda não admitem a ocorrência desse fenômeno entre seus educandos, seja porque não têm conhecimento do problema seja porque preferem negar a ocorrência dele.

Tognetta e Vinha (2010a) indicam cinco principais características que definem o *bullying*: a) atos violentos/conflitos entre pares e atos repetitivos em relação à mesma pessoa. As demais características estão relacionadas à intenção em ferir por parte do autor, insegurança sobre si mesmo por parte do alvo e existência de um público espectador. Ainda, segundo essas autoras, “Autores de *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos, e estes são exatamente aqueles que por razões psicológicas parecem concordar com a imagem que seus algozes querem fazer dele [...]” (TOGNETTA; VINHA, 2010a, p. 451). De um lado, a intenção em ferir e o prazer de ver o sofrimento do outro, enquanto do outro lado,

há aquela criança/adolescente em processo de desenvolvimento precisando da afirmação (reconhecimento) do outro para se autoafirmar.

A intenção em ferir está associada a uma espécie de prazer, mas, como elucida Tognetta (2010b), não basta (nem talvez seja a melhor intervenção) punir esses autores. Há no autor de *bullying* uma carência de sensibilidade moral – “[...] capacidade de sair de si, do ponto de vista cognitivo e afetivo para ver o outro como sujeito digno de respeito” (TOGNETTA, 2010a apud TOGNETTA, 2010b, p. 5) – porque essa sensibilidade não foi estimulada, aprendida e, portanto, também não foi internalizada.

A permissão dada ao outro para que lhes zombe, irrite, machuque, entre outros, prevalece naquelas crianças e adolescentes que, de certa forma, concordam com aquilo que estão ouvindo. No papel de *alvo* ocorrem dois processos principais: o primeiro está relacionado ao desenvolvimento de identidade que ocorre pautado nos *feedbacks* transmitidos pelos outros. Se os colegas afirmam que uma criança é feia, é gorda, é *nerd*, ela entenderá que essas características são ruins e que, infelizmente, fazem parte dela, portanto, ela não deve fazer parte do grupo de colegas “ditos normais”; o segundo processo é quando o alvo reafirma comportamentos que são o motivo dos conflitos (ser o melhor aluno da classe, por exemplo, reafirma o estereótipo de *nerd*), dando aos autores as evidências que queriam para continuar praticando o *bullying* e, ainda, levando o alvo a acreditar que isso não é bom e que ele “merece” o que está passando por não ser como os outros colegas.

Antes de abordar a última característica elencada por Tognetta e Vinha (2010a), cabe esclarecer a mudança de nomenclatura em relação aos grupos participantes de *bullying*. Conforme Tognetta (2010b), refere-se a *alvo* em vez de vítima e autor em vez de agressor para que não se defina automaticamente culpados (o sujeito mau) e os sujeitos dignos de piedade. Portanto, são utilizados os termos vítima e agressor, considerando a importância de manter a escrita original dos autores citados.

Por fim, “[...] não há *bullying* sem que haja um público a corresponde-se com as apelações de quem ironiza, este age com sarcasmo e parece liderar aqueles que apenas espectadores.” (TOGNETTA; VINHA, 2010a, p. 452, grifo do autor). As autoras descrevem que é o público, as testemunhas que assistem aos atos de *bullying* que alimentam a continuidade destes; eles concordam ou agem com indiferença na maioria, procurando (provavelmente) não ser o próximo alvo.

Considerando os elementos abordados, compreende-se que para identificar e compreender os casos de *bullying*, na forma como eles ocorrem, é necessário não apenas um olhar atento, mas também contínuo e holístico. É importante acompanhar o desenrolar dos fatos, até onde vai o desrespeito entre colegas, de que forma acontece, com quem, quem pratica, com que frequência ocorre, quem (ou o que) incentiva, quais as consequências.

### 3 RESULTADOS

Organizaram-se as questões do instrumento de coleta de dados em blocos, visando à explanação de resultados de forma estruturada. O primeiro bloco de questões analisado se refere à concepção que os adolescentes questionados possuem sobre a presença de violência em sua escola. Os alunos investigados, de ambas as escolas, percebem que seu ambiente escolar é agradável, sendo essa a indicação de 71,88% dos alunos da escola particular e de 79,44% dos alunos da escola pública. Essa, assim como outras questões, permitiu a escolha de duas ou mais opções de resposta, por esse motivo os índices ultrapassaram o total de 100%.

Com o propósito de inquirir sobre a importância dos pares no ambiente social escolar, questionou-se sobre quantos bons amigos os questionados têm na escola. Os resultados foram: apenas um (3,13% da escola particular e 8,41% da pública); dois ou três (23,44% da particular e 36,45% da pública); quatro ou cinco (40,63% da particular e 18,89% da pública); mais de seis (28,13% da particular e 30,84% da pública); e, não tem nenhum bom amigo na escola (4,69% da particular e 4,67% da pública).

No que se refere ao tema conflito/violência na escola, considerando as proporções de resposta de cada escola, identificou-se que, em ambas, a maioria dos alunos (65,63% na escola particular e 77,57% na escola pública) compreende a existência de conflitos em sua escola. Quando questionados sobre a principal forma de violência na escola, 70,31% dos alunos da escola particular responderam que é a psicológica – envolvendo humilhações, ameaças, constrangimento, fofocas, etc.; 26,56% responderam que é a física – envolvendo brigas, socos, pontapés, empurrões, etc.; 7,81% consideram que é a violência ao patrimônio (quebrar cadeiras, carteiras, vidros, lâmpadas, etc.), e outros 7,81% responderam que é a discriminação por cor, sexo, raça, idade, entre outros. Já na escola pública, a forma mais citada foi a violência física (64,49%), seguida da violência psicológica (53,27%), violência ao patrimônio (38,32%) e discriminação na escola (27,1%).

Também se inquiriu sobre os locais e momentos em que a violência ocorre mais comumente. As respostas mais indicadas em ordem decrescente são expostas a seguir. Escola particular: na sala de aula, quando o professor não está presente (73,44%); na sala de aula, com a presença do professor (durante a aula) (32,81%); durante o recreio/intervalo, no pátio da escola (68,75%); no ginásio da escola (26,56%); pela internet (Orkut, MSN, Facebook, e-mail, etc.) (31,25%). Escola pública: Na entrada da escola (portão) (28,04%); na saída da escola (80,37%); na rua, durante o deslocamento de ida e volta para a escola (48,6%); na sala de aula, quando o professor não está presente (33,64%); na sala de aula, com a presença do professor (durante a aula) (27,1%); durante o recreio/ intervalo, no pátio da escola 57,94%); nos banheiros da escola (26,17%); e, pela internet (Orkut, MSN, Facebook, e-mail, etc.) (22,43%).

Sobre o fenômeno *bullying*, identificou-se que 50% dos alunos da escola particular e 49,53% dos alunos da escola pública não maltratam, nem maltrataram seus colegas; 48,44% dos alunos da escola particular e 42,99% dos da escola pública dizem nunca te-

rem sido maltratados por seus colegas. A segunda resposta mais indicada é a de que já foram maltratados, porém não são mais, tendo 28,13% das respostas na escola particular e 41,12% da escola pública.

Entre os problemas indicados como sofridos pelos alunos, os principais foram: receber apelidos pejorativos (escola particular: 39,06%; escola pública: 34,58%), ser xingado (escola particular: 39,06%; escola pública: 40,19%), ser motivo de piada (escola particular: 39,06%; escola pública: 25,23%) e ser alvo de fofocas ou mentiras (escola particular: 35,94%; escola pública: 23,36%).

Ao se interrogar os alunos se já haviam presenciado colegas praticando *bullying*, evidenciou-se percentis expressivos em todas as respostas. Porém, a ênfase recaiu sobre a resposta de que “sim, várias vezes”. Foram 54,69% dos alunos da escola particular e 60,75% da escola pública que responderam presenciar com frequência situações de *bullying*. Foram 23,44% dos alunos da escola particular e 15,89% dos alunos da escola pública que descreveram ter presenciado uma única vez. E 20,31% dos alunos da escola particular e 23,36% dos alunos de escola pública nunca presenciaram uma cena desse tipo.

Por fim, para concluir a contextualização, os alunos foram questionados se conheciam colegas que tivessem sido agredidos, ameaçados, isolados ou humilhados propositalmente por outros colegas. As respostas foram afirmativas para 71,88% dos alunos da escola particular e 64,49% dos alunos da escola pública, números reveladores que contrapõem os diversos índices em que a ênfase foi o “não, nunca...”.

Refletindo sobre a natureza das situações de *bullying*, bem como suas razões promotoras, investigaram-se os principais tipos de violência que ocorrem na escola. Nessa questão, a violência psicológica e suas subáreas foram lembradas: 70,31% dos alunos da escola particular e 53,27% da escola pública citaram humilhações, ameaças, constrangimento, fofocas, entre outros, como situações de violência presentes em sua escola. Na escola pública, todos os outros itens receberam percentis consideráveis, especialmente a violência física; aparecem em ordem decrescente: violência física (64,49%), a violência ao patrimônio (38,32%) e a discriminação na escola (27,1%). Os índices da escola particular foram: violência física, 26,56%, violência ao patrimônio, 7,81% e discriminação na escola, 7,81%.

Também se inquiriram os alunos sobre os motivos que levam o autor do *bullying* a praticar tais atos. As principais respostas são apresentadas a seguir, em ordem decrescente. Escola particular: “Ele faz isso porque se ‘acha melhor’ que os outros” (71,88%); “Ele faz isso porque quer ser mais popular, sentir-se poderoso” (53,13%); “Ele faz isso por diversão” (45,31%); “Ele faz isso porque é uma pessoa que não se preocupa com os sentimentos do outro” (31,25%); “Ele faz isso por não aceitar que as pessoas são diferentes” (31,25%). Escola pública: “Ele faz isso porque quer ser mais popular, sentir-se poderoso” (64,49%); “Ele faz isso porque se ‘acha melhor’ que os outros” (61,68%); “Ele faz isso por diversão” (37,38%); “Ele faz isso porque é uma pessoa que não se preocupa com os sentimentos do outro” (37,38%); “Porque ele deve ter uma relação familiar na qual tudo se resolve pela violência verbal ou física e ele reproduz isso no ambiente escolar” (32,71%); “Ele faz isso porque é mais forte” (30,84%) (informações verbais).

Ao avaliar a posição e/ou reação dos alunos diante de situações de *bullying* na escola, o padrão de resposta “Isso não aconteceu comigo” continua. Foi questionado se, caso tenha sofrido algum tipo de violência, contou para alguém. Foram 48,44% dos alunos da escola particular e 59,81% dos alunos da escola pública que responderam nunca ter lhes ocorrido tal situação. Dos alunos que passaram por situação de *bullying*, 26,56% dos alunos da escola particular e 18,69% da escola pública contaram a seus pais; 15,63% dos alunos da escola particular e 16,82% da escola pública contaram para colegas/amigos; 20,31% dos alunos da escola particular não contaram para ninguém, a mesma atitude foi tomada por 9,35% dos alunos da escola pública. E pequenos índices de alunos contaram a situação para professores (particular 4,69% e pública 3,74%) e direção (particular 6,25% e pública 5,61%).

Quando os alunos foram questionados sobre sua tomada de postura perante uma situação de *bullying*, as principais respostas se assemelharam nas duas escolas. Na escola particular e na pública os itens mais citados foram: “Quando vejo cenas assim procuro sair de perto e faço de conta que nem vi” (particular 10,94% e pública 26,17%); “Procuro ajudar quem está sendo agredido” (“Saio em defesa do agredido”) (particular 28,13% e pública 22,43%); “Peço aos agressores que ‘parem’ com a violência” (particular: 37,5% e pública 24,3%); “Conto para um responsável pela escola” (professor, direção, coordenação) (particular 25% e pública 15,89%) (informações verbais).

Em resposta à questão sobre como se sentem ao presenciar cenas de *bullying*, a maioria dos itens foi indicada enfaticamente. Positivamente, poucos alunos acham graça de situações assim (particular 1,56% e pública 4,67%). O percentil das demais posições assumidas foram 20,31% da particular e 28,04% da pública no item ficam com medo que possa acontecer situação semelhante com eles; 21,88% da particular e 17,76% da pública ficam chateados/tristes, pois já passaram situação semelhante; 43,75% da particular e 51,4% da pública ficam preocupados com os colegas agredidos. Alguns, ainda, indicam que não sentem nada, por serem somente brincadeiras, 14,06% da particular e 3,74% da pública. Outros declararam nunca ter visto situações assim, 0,78% da particular e 10,28% da pública.

Ao serem solicitados que indicassem formas de conduzir as situações de *bullying*, os alunos indicaram a expulsão/transferência dos envolvidos (34,38% dos alunos da escola particular e 58,88% da escola pública), bem como conversa de orientação entre equipe da escola, os responsáveis e os envolvidos na situação (59,38% dos alunos da escola particular e 42,99% da escola pública). Eles também indicaram outros encaminhamentos. A suspensão foi a sugestão de cinco alunos de ambas as escolas, sendo essa a alternativa mais branda e que antecede a radical expulsão. A alternativa primeira da advertência também foi citada, bem como a sugestão de que o aluno deveria perder nota.

Por fim, chega-se à avaliação realizada diante da tomada de atitude da escola quanto aos casos de *bullying*. Foram 23,44% dos alunos da escola particular e 31,78% da escola pública que responderam: “Normalmente, eles nem ficam sabendo”; Foram 25% dos alunos da escola particular e 27,1% da escola pública que responderam: “Normalmente quando sabem, não tomam nenhuma providência”; Foram 20,31% dos alunos da escola particular e 38,32% da escola pública que responderam: “Normalmente quando sabem,

buscam punir os culpados"; Foram 32,81% dos alunos da escola particular e 21,5% da escola pública que responderam: "Normalmente quando sabem, buscam resolver o problema, orientar os culpados, mas sem puni-los" (informações verbais).

Considerando os dados descritivos apresentados pelos alunos visando à melhoria da escola, no sentido de minimização ou anulação dos casos de violência, bem como promoção da escola como um espaço de solidariedade e justiça, as indicações efetuadas foram de tomada de providência por parte da direção da escola, a necessidade de haver mais controle e fiscalização dos alunos e a promoção do respeito entre os próprios alunos.

#### 4 DISCUSSÃO

O problema *bullying* é, atualmente, indiscutivelmente conhecido. Entretanto, identificá-lo não é tarefa fácil e requer um olhar atento e contínuo por parte dos professores, direção e demais funcionários no ambiente escolar, além do acompanhamento dos pais e de outros responsáveis.

Inicialmente, efetuou-se a leitura da concepção tida pelos adolescentes questionados em relação à sua escola. A indicação do aspecto "Colegas" pelos questionados como o que mais gostam na escola indica a importância dos pares no desenvolvimento pessoal, escolar e social, bem como a relevância atribuída por eles próprios em relação à presença de seus colegas. Indiretamente, a indicação de "Professores" como o item mais indicado ao que os alunos menos gostam na escola se relaciona à importância da relação coesa entre professores e alunos, os quais precisam estar envolvidos de tal modo que consigam promover um ambiente de confiança e segurança necessárias para, entre tantas questões, encaminhar as questões de *bullying*.

Também se destacaram os itens "Lazer/esporte" e "Aulas/opportunidades de aprendizagem", ambos são momentos de provável interação entre pares, enquanto as habilidades e características pessoais também devem emergir. Ao considerar essa hipótese, pode-se inferir sobre o afeto positivo depositado nesses momentos (gosta mais) e como ele reflete (positiva ou negativamente) na vida de cada sujeito envolvido.

As relações de amizade, por si só, compreendem uma série de variáveis, entre elas, a concepção do que é ser amigo, os sentimentos que a sustentam, as crenças que a alimentam, as experiências vivenciadas de si ou de outrem. Enfim, variáveis que tornam complexo o estudo do vínculo denominado amizade, portanto, o que se pretendeu ao questionar os alunos sobre quantos bons amigos tinham na escola. Um sujeito pode ter diversos amigos fora da escola, mas o que representa para ele não ter nenhum bom amigo dentro da escola? Um sujeito pode ter seu único ciclo de amigos dentro da escola e contar, para tanto com dois, três, quatro, cinco, seis ou mais amigos. Qual a representação desses amigos na vida do sujeito? Que afeto é atribuído a um colega entre tantos, a um amigo entre vários ou ao único grupo de amigos? Esses afetos e representações podem, sim, nortear os comportamentos sociais e, inclusive, alimentar determinados pensamen-

tos mais ou menos ajustados à conduta adequada socialmente, como os sentimentos de apoio ou insegurança.

A respeito de situações de conflito e/ou violência na escola, algumas considerações se fazem substanciais. Primeiro, pensar em situações de violência que ocorrem dentro de sala de aula, com ou sem presença do professor é um tópico importante. Fante (2005 apud TOGNETTA; VINHA, 2010a, p. 4) divulga que “[...] professores afirmam destinar de 40% a 50% de seu tempo em sala de aula para resolver conflitos entre seus alunos.” A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) realizou um estudo referente à agressividade dos estudantes brasileiros entre 2002 e 2003 e constatou que “[...] 60,2% dos alunos afirmaram que o *bullying* ocorre mais frequentemente dentro das salas de aula.” (LOPES NETO, 2005, p. S166). Dados como os coletados na presente pesquisa ou nos demais estudos, que revelam a incidência de violência (em suas variadas formas) dentro da sala de aula, muitas vezes, com a presença com professor, indicam que há falhas na real função da escola enquanto formadora de cidadãos. Falhas que advêm de diversas causas, e entre elas o tipo de afeto e de reforço alimentado na relação entre aluno e professor e entre os próprios alunos. Resultam da dificuldade em assimilar a organização social e o respeito e da dificuldade em conseguir transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem.

Em relação aos índices consideráveis referentes à violência via internet, Pradas (2006 apud TOGNETTA; BOZZA, 2010) lembra que para muitos jovens a internet parece um meio sem regras e sem limites para agir. Além disso, a violência virtual é especialmente perigosa por sua possibilidade de anonimato, bem como pela possibilidade de atingir dimensões inimagináveis.

Ao se tratar especificamente do fenômeno *bullying*, os dados são semelhantes aos encontrados no estudo de Tognetta e Vinha (2010a), em que 27% dos alunos de uma escola pública e 21% de uma escola particular afirmaram já ter agredido colegas na escola. Os comentários feitos pelos alunos a esse respeito parecem uma tentativa de justificar ou garantir que sua resposta seja minimizada ou não levada a sério, por exemplo: “Em casos de raiva por fofocas já xinguei, apenas” e “Eu só xinguei alguns colegas, mas não a sério.” (informações verbais).

O estudo de Tognetta e Vinha (2010a) também revela índices semelhantes no que se refere aos tipos de vitimização, sendo eles: colocar apelidos que incomodam (escola pública 28% e escola particular 12%); fazer brincadeiras ou gozações que te deixem constrangido (escola pública 23% e escola particular 10%); ficar irritando você (escola pública 28% e escola particular 13%).

Sobre a postura tomada diante de situações de *bullying* é interessante recuperar o seguinte comentário de um aluno, ao indicar que já presenciou várias vezes cenas de *bullying*: “[...] mas não porque queria, mas, sim, porque não podia sair da sala.” (informação verbal). Esse comentário remete ao início dessa discussão de dados. Trata-se de um exemplo de ciclo confuso presente em sala de aula. O aluno se descreve como limitado, pressionado por uma regra de não sair da sala e ter de assistir situações de maltrato. Nessas

situações estão as oportunidades de ensinar aos alunos. Esse discurso de impotência pode e deve ser substituído por uma atitude ativa diante de situações conflituosas, seja intervindo, seja exercendo seu direito de se retirar.

As hipóteses desta pesquisa começam a encontrar seu respaldo empírico quando, na indicação da principal forma de violência, encontra-se a violência psicológica. Além disso, as principais respostas referentes aos motivos que levam à prática do *bullying* recaem sobre o tema central deste estudo: os conflitos intra e interpessoais e a relação entre ambos os tipos. Essa constatação vai ao encontro do que Tognetta (2009, p. 9) defende, ou seja, que “[...] todo o percurso que fizemos quanto ao entendimento do fenômeno da violência faz pensar que este exista em função das relações que são estabelecidas – as relações interpessoais entre as pessoas e aquelas chamadas de intrapessoais – estabelecidas pela pessoa consigo mesma.” Interessante acrescentar aqui que o estudo da Abrapia (LOPES NETO, 2005) identificou 69,3% dos jovens participantes da pesquisa que admitiram não saber as razões que levam alguém a cometer *bullying*. Entretanto, esses mesmos jovens sugerem e acreditam que o *bullying* seja uma forma de brincadeira.

De forma geral, todos os itens apresentam, em parte, argumento para a ocorrência do fenômeno *bullying*. Cabe lembrar, entretanto, que esse é um fenômeno multicausal, multifacetado.

Interessante notar os pequenos índices de alunos que contaram aos professores e à direção quando foram alvos de *bullying*. Teriam os alunos receio de comunicar situações de violência para as autoridades da escola pelo risco de se exporem e não haver mudança? Os dados coletados são reforçados pelo estudo da Abrapia, em que “[...] 41,6% dos questionados que admitiram serem alvos de *bullying* disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família.” (LOPES NETO, 2005, p. S166). Além disso, e infelizmente (seguindo o último comentário de aluno que foi apresentado), entre os sujeitos da pesquisa da Abrapia (LOPES NETO, 2005) que disseram ter solicitado ajuda, somente 23,7% dos casos receberam a respectiva atenção.

Em pesquisa realizada por Francisco e Libório (2009) sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental também se identificaram dados semelhantes aos coletados nessa investigação. A pesquisa efetuada por esses autores em 24 turmas de 5ª a 8ª séries (seis turmas por série) revelou que a maioria dos jovens considera a possibilidade de contar com o auxílio dos professores para resolver os problemas de maus tratos, além de considerar que grande parte dos professores parece preocupada com esse tipo de problemas, mas que muitos não se encontram preparados ou não sabem como impedi-los. Cabe, ainda, destacar neste estudo que os alunos, após terem tentado ajuda com os profissionais da escola e verificarem que tiveram dificuldades em auxiliá-los, não veem mais alternativas para resolver esse problema. Tais dificuldades não estão ligadas somente ao descaso em resolver os conflitos, mas supõe-se que haja falta de informações e recursos para os profissionais da educação lidarem com as distintas formas de violência. Por isso da importância de trazer as discussões sobre tal assunto para o meio acadêmico, escolar e demais segmentos sociais, a fim de que avanços e respostas possam ser oferecidos a toda a sociedade.

Quanto às sugestões de intervenção dadas pelos alunos diante do *bullying*, muitas delas lembram os estudos de Tognetta (2010a). Nestes, a autora fala das intervenções executadas pelas escolas que são, geralmente, pontuais, quase sempre havendo punição, com simultânea ou conseqüente chamada dos responsáveis até a escola. São aplicadas as advertências, suspensões e, então, a expulsão. Não raramente, polícia e conselho tutelar também são solicitados. Segundo a autora, intervenções assim somente alimentam sentimentos de raiva, ódio e indignidade nos alunos.

Por fim, os comentários inseridos pelos participantes como sugestão de melhorias para a sua escola representam não somente parte de um estudo, mas direcionam de forma clara e significativa como se deve agir. Essas respostas são a expressão da realidade vivenciada na escola dos sujeitos questionados. São posicionamentos que representam a realidade e, por isso, devem ser considerados no momento de planejar intervenções. Os alunos sabem o que precisam, sabem o que falta, sabem como as coisas funcionariam melhor, sabem o que seria o mais adequado para todos.

Os alunos foram claros em seus comentários; é essencial haver respeito, é importante que haja controle e vigilância, é fundamental que os conflitos sejam abordados, que existam punições, mas que haja também conversa. É preciso envolver os próprios alunos no processo de erradicação da violência. Por fim, a formação e o desenvolvimento das crianças e adolescentes são importantes demais para deixá-los à mercê de violência e insegurança dentro da própria escola.

## 5 CONCLUSÃO

O *bullying* é um termo bastante popularizado e que tem colocado em estado de atenção as escolas de forma geral. A preocupação se volta a prevenir e intervir nos casos de violência entre crianças e adolescentes na escola. Neste texto buscou-se analisar dados coletados por meio de uma investigação sobre as razões que promovem os conflitos interpessoais *entre* e *dos* alunos que frequentam a 8ª série/9º ano do ensino fundamental e compreender qual a natureza dessas razões.

Os dados coletados permitiram confirmar a hipótese principal da pesquisa. Ao serem questionados sobre os motivos que levam o autor de *bullying* a agir, as principais indicações de resposta apontadas pelos alunos se relacionaram a características pessoais, quase sempre decorrentes de alguma influência externa de seu meio social. Ou seja, os alunos investigados reconhecem o *bullying* enquanto fenômeno que ocorre entre pares, mas suas razões e a natureza destas são quase sempre de caráter pessoal, em relação às experiências que tiveram e às influências exercidas para que ele acontecesse.

Essas respostas são a porta de acesso para se trabalhar a prevenção de *bullying* na escola. Os alunos não possuem consciência de que alguém age de determinada forma por ter sido esta a única maneira de se comportar que aprendeu. Mesmo assim, os sujeitos compreendem que há algo a ser modificado para o bem das relações. Essa concepção permite que se insiram discussões e planos de ação para promover essas mudanças

no coletivo, visando melhorar o individual de cada sujeito envolvido, não somente o autor, mas também o alvo e a testemunha.

Outra porta de entrada para as ações de prevenção e abordagem do *bullying* são os próprios comportamentos dos alunos diante de situações de conflito, no sentido violento da palavra. Na presente pesquisa demonstra-se, por diversas vezes, que os alunos tendem a expressar “nunca vi...”, “nunca aconteceu comigo...”, “não sei...”; enfim, respostas que não significam a inexistência de conflitos, mas representam a negação diante dos fatos.

Essa é a primeira conduta a se trabalhar com os alunos ao se abordarem as temáticas: *bullying* e violência na escola. Por muito tempo crianças e adolescentes sofreram calados situações de injustiça e humilhação. Por muito tempo crianças e adolescentes assistiram seus colegas sendo maltratados e ficaram com medo de agir. Por muito tempo crianças e adolescentes clamaram por serem enxergados, mesmo que fosse preciso atingir os colegas para conseguir isso. Hoje, cabe aos próprios alunos identificar e erradicar o *bullying*, ou qualquer forma de violência na escola. Cabe primeiro aos professores, pais e demais educadores fornecer às crianças e adolescentes subsídios para tal.

Nesse sentido, é importante ressaltar que não há receitas prontas em relação às ações perante o problema do *bullying* (SILVA; ROSA, 2013), ou que não existem cartilhas entregues aos professores (AVILÉS MARTÍNEZ, 2013) que resolverão a situação, mas que se deve avaliar o contexto social, com suas particularidades, as quais envolvem tanto a família quanto a escola. Considera-se importante o protagonismo da escola e de seus profissionais na construção de alternativas para os problemas evidenciados nesse contexto.

Os dados coletados apontaram para os sentimentos de medo, pena e tristeza perante os casos de *bullying*. São esses os sentimentos que se deseja despertar nesses seres humanos em desenvolvimento? Que adultos estão sendo formados nos ambientes escolares? Medo, tristeza e pena não condizem com aquilo que se preza para os alunos. Esses sentimentos estão na contramão do senso de justiça, de dignidade, de melhorias, de respeito, de empatia, de reconhecer o outro com suas diferenças.

Os encaminhamentos dados pela escola também foram investigados sob o ponto de vista dos alunos. Inicialmente, identificou-se que a maioria dos alunos de ambas as escolas se sentem seguros nesse ambiente. Interessante observar os índices indicando os encaminhamentos que os próprios alunos sugerem. São valores significativos: uma porcentagem, aproximadamente média nas duas escolas, de alunos que indicam a conversa de orientação, mesmo sendo notório também o índice de indicações para a suspensão e expulsão dos alunos. Os comentários encontrados variam de sugestões de práticas educativas a práticas punitivas.

Não se pode ignorar a gravidade de determinados casos e deixar impune aqueles que causam sofrimento ao outro. A conversa de orientação é uma boa alternativa, mas ainda peca no sentido de que, quase sempre, envolve somente o autor, quando muito o alvo. É preciso que se coloque em prática intervenções em que se considerem também as testemunhas; que se dê oportunidade para que os alunos exponham seus sentimentos, seus anseios, suas concepções; é imprescindível dar oportunidade aos alunos para que

reconheçam uns aos outros, com suas diferenças, suas qualidades e limitações. É preciso que se promova um ambiente de respeito, em que não se imponham regras de comportamento social adequado, sendo ensinadas de tal forma que os próprios alunos decidam por aplicá-las ao longo da vida.

Campos (2011, p. 59) evidencia que, “[...] sendo as emoções as forças que motivam todo o comportamento, nenhum aspecto do desenvolvimento do adolescente é de maior importância do que sua vida emocional.” Esse envolvimento e o estar atento ao educando exigem sensibilidade dos educadores para perceber todas as questões emocionais presentes, suas manifestações e buscar compreender as principais causas dos conflitos, reconhecendo a necessidade de trabalhar essas questões de forma conjunta no ambiente escolar.

Diante disso, não se pode deixar de considerar que, no cotidiano escolar, os profissionais da educação integrados nesse espaço os quais constituem, em conjunto com outros profissionais, uma equipe multidisciplinar tornam-se suportes afetivos essenciais para os adolescentes, por lhes oferecerem parâmetros que lhes proporcionam certa segurança, contribuindo para a sua estabilidade emocional. No ambiente escolar, os adolescentes vivenciam situações características dessa fase e que envolvem o campo físico, emotivo, ético, social e cultural, e os encaminhamentos adotados na instituição escolar serão determinantes nas conduções futuras relacionadas a todos esses aspectos, quando esses jovens estiverem na vida adulta.

O *bullying* é um conflito entre pares e envolve alvo, autor e espectadores/testemunhas, o que significa dizer que uma abordagem comprometida deve prever o envolvimento das três partes, mesmo que isso represente todo o grupo discente de uma escola. Sim, porque a participação direta e indireta merece atenção. Além das evidências sociais, o *bullying* é a representação de que existem conflitos internos, ou seja, que o conflito é dos envolvidos, na medida em que compreende processos psicológicos relacionados aos atos de *bullying*. É bastante provável que o estímulo essencial do comportamento do espectador, do autor e do alvo seja de caráter pessoal e subjetivo, estando relacionado com as leituras que estes fazem do mundo à sua volta.

Notas explicativas

<sup>1</sup> Artigo resultante de uma investigação intitulada “Bullying na escola: inquirindo sobre as razões promotoras dos conflitos “entre” e “dos” alunos que contou com bolsa do CNPQ.

<sup>2</sup> O Questionário utilizado para a coleta de dados foi inspirado (adaptado) do instrumento utilizado por Fante e Pedra (2008) e Rolim (2010).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. J. Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. **Revista Interamericana de Psicología**, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA – ABRAPIA. O que é Bullying. **Construir Notícias**, ano 7, n. 40, maio/jun. 2008.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying**: guia para educadores. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. As implicações do *bullying* na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, jan./jun. 2010.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

EYNG, A. M. Convivência e violências nas escolas: a dinâmica dos sujeitos e contextos na configuração do bullying. In: GISI, M. L.; ENS, R. T. (Org.). **Bullying nas escolas**: estratégias de intervenção e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

LOPES NETO, A. A. *Bullying* – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005.

LOPES NETO, A. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALDONADO, M. T. **Bullying e cyberbullying**: o que fazemos com o que fazem conosco? São Paulo: Moderna, 2011.

MOURA, D. R. de; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. de A. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.

NOGUEIRA, R. M. C. Del P. de A. **Violência nas escolas e juventude**: um estudo sobre o *bullying* escolar. 2007. 258 p. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Imprensa Portuguesa, 2002.

ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo da escola. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, E. N. da; ROSA, E. C. de S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, jul./dez. 2013.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

TOGNETTA, L. R. P. **A história da menina e do medo da menina**: suplemento especial para pais e professores. 1. ed. Americana: Adonis, 2010a.

TOGNETTA, L. R. P.; BOZZA, T. L. Cyberbullying: quando a violência é virtual: um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: SEMINÁRIO VIOLAR: PROBLEMATIZANDO JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE, 1., 2010, Campinas. **Anais...** Campinas: DE/Unicamp, 2010.

TOGNETTA, L. R. P. Bullying: de onde vem a violência que assola a escola? In: GARCIA, A. (Org.). **Pesquisas sobre o relacionamento interpessoal**. Vitória: ABPRI, 2010b.

TOGNETTA, L. R. P. et al. **Quando os conflitos nos pertencem**: uma reflexão sobre as regras e a intervenção aos conflitos na escola que pretende formar para a autonomia. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE: SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO, 8., 2010, Lisboa, Portugal. **Anais eletrônicos...** Lisboa: ISPA – Instituto Universitário, 2010a.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Bullying e violência na escola: entre o que se deseja e o que realmente se faz. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE: SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO, 8., 2010, Lisboa, Portugal. **Anais eletrônicos...** Lisboa: ISPA – Instituto Universitário, 2010b.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Conflitos na instituição educativa**: perigo ou oportunidade? contribuições da Psicologia. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola x violência da escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA PUCPR – EDUCERE, 8., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Ed. PUC, 2009.

ZLUHAN, M. R.; RAITZ, T. R. A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 95, n. 239, p. 31-54, jan./abr. 2014.

